

## RESENHA

# Imprensa e política nos EUA: das eleições de 2000 ao pós-11 de setembro de 2001

Rafael Fortes\*

JAMIESON, Kathleen Hall; WALDMAN, Paul. *The press effect: politicians, journalists, and the stories that shape the political world*. New York: Oxford University Press, 2003. 220p.

Qual o papel da imprensa no sistema democrático? O jornalismo político praticado atualmente nos EUA é condizente com o que se espera dele? Kathleen Hall Jamieson e Paul Waldman, professores da prestigiosa Escola de Comunicação Annenberg, da Universidade da Pensilvânia, escreveram *The Press Effect* (algo como "O efeito imprensa") em busca de respostas para perguntas como essas. O livro consiste em um estudo sobre cobertura jornalística e opinião pública entre a campanha presidencial de 2000 e o pós-11 de setembro de 2001. A análise se divide em sete capítulos que fazem referência a seis papéis desempenhados pela imprensa (um dos papéis é tratado em dois capítulos): contadora de histórias, psicóloga amadora, adivinhadora, modeladora de eventos, patriota e guardadora de fatos. Baseia-se na "Pesquisa Annenberg 2000", que ouviu mais de 100 mil norte-americanos a respeito da atuação da imprensa no período mencionado, e em extensa pesquisa, sobretudo em impressos (jornais e

---

\*Doutorando em Comunicação (UFF) e professor da UNESA/RJ (rafa.fortes@gmail.com)

revistas) e noticiário de TV. A cientista política Jamieson é também diretora do Centro Annenberg de Políticas Públicas (APCC, na sigla em inglês), responsável pela pesquisa homônima. Ela é autora de diversos livros, quase todos sobre a relação entre imprensa e campanhas eleitorais, do ponto de vista do valor do jornalismo como serviço público, tendo como função informar o cidadão.

Trabalhando com o conceito de enquadramento, formulado por Entman, Jamieson e Waldman reafirmam a necessidade de se discutir a produção de notícias. Na cobertura da campanha presidencial, por exemplo, os autores mostram como os jornalistas escolheram um enquadramento central para cada um dos candidatos. Uma vez estabelecido o tema principal, imprecisões não são corrigidas pelos repórteres; afirmações que se enquadram na visão estabelecida são adotadas sem checagem, ao passo que evidências que contrariam o enquadramento adotado tendem a ser desconsideradas. Mais do que isso, freqüentemente a imprensa adota enquadramentos produzidos pelos atores políticos, sem contestá-los. Sabemos que repórteres dependem de atores políticos para ter acesso às informações. Estes, por sua vez, apresentam-nas já de acordo com os enquadramentos que lhes são convenientes. O problema, afirmam os autores, está em que a versão interessada apresentada por um determinado agente político acaba incorporada nos textos jornalísticos, sem questionamento ou checagem – a esse respeito, aliás, o APCC mantém interessante iniciativa: a Checagem de Fatos Políticos Annenberg, que investiga a veracidade de declarações feitas pelos candidatos à presidência dos EUA.

Além disso, a adoção de uma linha-mestra freqüentemente significa aceitar suposições sem checá-las. Quanto mais se repete uma alegação que não foi verificada, menos chance ela tem de ser testada, e ser descoberta como falsa. A questão, portanto, não é propor a não utilização dos enquadramentos, mas sim discutir que enquadramentos são adotados, as razões para tal e, sobretudo, para a resistência em modificá-los, uma vez estando em uso. O problema não é usar ou não enquadramentos, mas até que ponto os enquadramentos adotados ultimamente pela

imprensa estadunidense são condizentes com o papel da imprensa como fonte de informações para os cidadãos. Para os autores, ela tem estado bem distante disso – freqüentemente, os enquadramentos utilizados significam uma cobertura que foge ou extrapola o papel da imprensa, além de não contribuir para a informação do público. Tal é o caso da cobertura de eleições, em que muito se fala da vida privada dos candidatos – sem que fique claro, no entanto, o que a tais revelações têm ou podem ter a ver com as propostas políticas e a capacidade ou incapacidade de alguém ser presidente da república. Ao lançar mão de um enquadramento que pode não ser o mais apropriado para cobrir a campanha política, os jornalistas enxergam a realidade através de uma lente que pode distorcer a visão do público. *The Press Effect* realça o quanto o enfoque escolhido pela imprensa pesa sobre as impressões e avaliações dos leitores. Dialogando com pesquisadores como Douglas Cater e Timothy Cook, os autores vêem o jornalismo como uma atividade que, ao ser exercida, "ajuda a determinar o curso dos eventos".

Outro aspecto problemático discutido pelos autores é o comportamento da imprensa em tempos de crise. Nestes períodos, ainda que minta ou erre, o governo não é criticado pela imprensa – inclusive quando as investigações por ela realizadas são as responsáveis por levantar dados que contradigam ou desmintam a versão oficial. No caso dos EUA, por exemplo, justificativas "humanitárias" são apresentadas por políticos e, via imprensa, legitimadas perante o público, contribuindo para que este apóie bombardeios e guerras mundo afora. O mesmo vale para a discussão em torno da apuração dos votos da eleição presidencial, na qual a cobertura jornalística contribuiu decisivamente para a construção de consenso em torno da legitimidade da vitória de George W. Bush. De acordo com os autores, tal comportamento não seria fruto do acaso: repórteres são parte do sistema democrático e ajudam a legitimá-lo. Especialmente em momentos de crise, a imprensa defendeu a eficácia do sistema em que ela própria desempenha um papel crucial.

Para os autores, o público estadunidense vê a imprensa como um setor que trabalha incansavelmente para vigiar os poderosos. No entanto,

afirmam, se os jornalistas consideram que o agente político apresentando sua versão tem apoio do público e não há outras versões disponíveis, provavelmente o conteúdo de sua fala não é investigado: aceita-se o que é apresentado e pronto. Muitas vezes, mesmo que haja outras versões disponíveis – levantadas pela própria imprensa –, tampouco são apresentadas ao público.

O livro, como um todo, revela fé dos autores no sistema democrático de seu país, o que não os impede de levantar defeitos e criticá-los. Pelo contrário: parece ser essa fé a motivação essencial da pesquisa. Falam repetidamente de repórteres terem que “cumprir suas obrigações com seu público”. Reiteram o discurso de que a imprensa deve fazer o papel de cão de guarda. Contudo, em momento algum consideram, por exemplo, que as empresas analisadas – as maiores empresas de comunicação dos EUA, várias delas fazendo parte de enormes conglomerados comerciais – são grandes empresas, cuja meta principal é o lucro – e não servir ao público. Igualmente ignoram que a organização do jornalismo – sobretudo televisivo – em poucas grandes empresas é, por si mesma, antidemocrática. E que boa parte das tarefas que atribuem à imprensa como dever estava, sim, sendo feita durante a campanha de 2000 e o pós-11 de setembro: por veículos alternativos e pessoas que, certamente, gostariam de contar com o alcance da grande imprensa para divulgar seus pontos de vista, mas foram caladas, ignoradas ou execradas publicamente. Neste sentido, Jamieson e Waldman escrevem como se prescrevessem um antídoto para curar a imprensa de seus males.

Se consideramos a divisão estabelecida por Michael Schudson a respeito dos estudos de produção de notícias – que se enquadrariam em três vertentes, a da economia política, a das rotinas de produção e a cultural –, *The Press Effect* corresponde à terceira linha. Como um estudo que privilegia o produto apresentado pelos veículos de comunicação, é excelente. Mas – concordando com a crítica de Schudson à maior parte dos estudos realizados – sem dúvida ganharia muito se considerasse, ainda que pontualmente, aspectos levantados pelas outras duas vertentes. Da economia política, poderia ganhar ao considerar as relações e interesses

econômicos e políticos das empresas de comunicação estudadas. Dos estudos sobre a estrutura organizacional das empresas, poderia levar em consideração as várias instâncias de decisão dentro das redações, bem como as restrições orçamentárias e de prazo que jornalistas enfrentam diariamente – ainda mais graves quando se trata de tarefas investigativas de longo prazo. Ao considerar fatores como estes, talvez os autores não tratassem decisões sobre buscar contradições ou aceitar, investigar ou não investigar, publicar ou não publicar, como se fossem, sempre, uma escolha pessoal do jornalista.

Por outro lado, o estudo em questão é primoroso ao apontar a incapacidade da imprensa de realizar autocrítica. Na cobertura dos atentados de 11 de setembro de 2001, a imprensa criticou duramente o governo Bush por não dar ouvidos, nos meses anteriores, àqueles que haviam advertido sobre os riscos de ataque. Mas não mencionou o fato de ela própria ter tido a mesma postura, ignorando tais alertas. *The Press Effect* é preciso ao tratar da dificuldade e resistência da imprensa em admitir os próprios erros. Ao não fazê-lo, acrescentam os autores, a imprensa igualmente se nega a buscar formas de não repeti-los. Nos EUA, revela o livro, esta postura da imprensa já levou a um decréscimo da credibilidade por parte do público. Neste campo, não se negam a contribuir: a obra termina com a apresentação de recomendações para uma melhor cobertura da política por parte do jornalismo.

Leitura agradável – embora o conteúdo não seja de acesso imediato a nós, brasileiros, uma vez que os jornalistas, programas, assuntos, histórias mencionados dizem respeito, evidentemente, à política e a imprensa –, *The Press Effect* reitera a importância de se estudar a imprensa e seu papel político pela dimensão que têm na democracia. Criticar a imprensa não significa afirmar que ela esteja sempre errada, ou que o que ela publique seja falso. Mas que, com frequência – certamente muito maior do que jornalistas gostariam de admitir, especialmente em um país como o Brasil, onde o jornalismo é hermeticamente fechado ao debate sobre si mesmo –, as notícias trazem apenas uma versão, ou parte da verdade. Trata-se, portanto, de um importante estudo para se entender as relações

entre jornalismo e política e, principalmente, desvendar, a partir do noticiário produzido, a visão dos jornalistas sobre a área que cobrem.